

# REVISTA

DO

# MUSEU PAULISTA

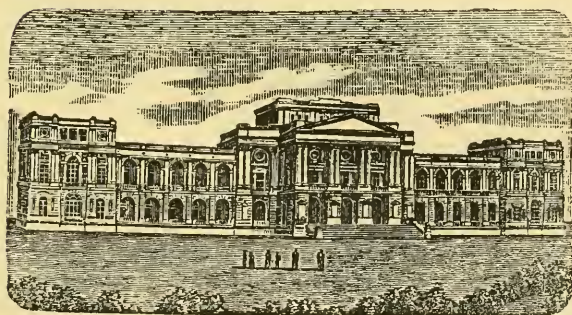
PUBLICADA

POR

H. von IHERING, Dr. med. et phil.

DIRECTOR DO MUSEU

=====  
VOLUME VIII  
=====



SÃO PAULO

TYPOGRAPHIA DO DIARIO OFFICIAL

1911

## OS BOTOCUDOS DO RIO DOCE

PELO

DR. HERMANN VON IHERING.

---

### I. NOVAS INVESTIGAÇÕES.

O Museu Paulista cuidou nos ultimos annos da exploração scientifica do Estado do Espirito Santo e particularmente da região do Rio Doce. No anno de 1906 o sr. Ernesto Garbe, naturalista-viajante do Museu, em companhia de seu filho Walter, fez valiosas colleções zoologicas nesta região, desde a fronteira do Estado de Minas até Linhares e na Lagôa Juparana. Naquella occasião estes viajantes não entraram em relações com os indios, mas em compensação o sr. Walter Garbe, nos mezes de Março até Maio de 1909 fez de novo varias excursões, com o proposito especial de visitar os Botocudos.

Desde muitos annos não temos informações novas sobre estes indigenas e as seguintes observações mostram que foi muito conveniente preencher esta lacuna. A monographia mais valiosa sobre os Botocudos devemos ao principe Max zu Wied, referentes á sua viagem nos annos de 1815-17. Deixando aqui de lado as communicações de Tschudi, Hart e outros viajantes, desejo chamar a attenção especialmente para o importante estudo de P. Ehrenreich, que no anno de 1884 dedicou alguns mezes ao exame dos Botocudos do Estado do Espirito Santo. Acontece, entretanto, que os indios visitados por Ehrenreich, particularmente os do Rio Panca, já haviam perdido muitos dos seus costumes antigos e entre elles o de pôr nas orelhas e nos beiços perfurados os discos

de madeira, conhecidos por «botoques», palavra da qual se deriva o nome pelo qual estes índios são geralmente conhecidos. Deste modo generalizou-se a ideia de que os ornamentos característicos dos Botocudos já pertencessem á época passada. Isto, porém, não é exacto e, por este e outros motivos, será de interesse registrar aqui os dados ethnographicos que pude obter com relação ao estado actual dos Botocudos do Rio Doce.

Todos estes Botocudos são nomades, que vivem na margem septentrional do Rio Doce no tempo das aguas baixas e se retiram do rio para o interior das mattas na época das chuvas e da enchente, isto é nos mezes de Novembro até Março. São tres grupos de Botocudos que actualmente vivem nesta zona :

1) Os *Minhagiruns* do Rio Panca, affluente do Rio Doce, na visinhança de Collatina ;

2) Os «Botocudos de Natividade de Manhaçu», junto da barra do Rio Manhaçu, na fronteira dos Estados de Minas e Espirito Santo ;

3) Os «Botocudos de Lapa», no Estado de Minas, que moram a uma distancia de 60-70 kls. do Manhaçu, rio acima. Segundo o sr. W. Garbe, o nome dos indigenas do Manhaçu e de Lapa seria o de Gutu-krak. São provavelmente os mesmos que Ehrenreich denomina Takruk-krak.

Estes índios são de estatura mediana e de côr pardo-amarellada um pouco escura. O sr. Garbe tirou delles uma bella serie de vistas photographicas, que em parte são reproduzidas aqui, e além disto nos trouxe o craneo de uma mulher de 22 annos de idade, da qual antes elle havia tirado o retrato e que depois, ao passar o Rio Doce, se afogou, tendo sido inhumada em lugar afastado.

As communicacões seguintes, quando não houver observações especiaes, referem-se aos índios do Rio Manhaçu.

\*  
\* \*

As mulheres andam completamente núas, os homens vestem uma tanga feita de qualquer fazenda, que receberam de presente ou em troca. Uma vez o sr. Garbe observou um homem tirando a tanga ao banhar-

se e viu que em baixo della o apice do membro era ligado a uma cinta de cordão. Os homens cortam os cabellos na frente, provavelmente afim de que os mesmos não lhes encubram a vista, incommodando-os quando atiram com o arco. As mulheres cortam os cabellos na frente até a raiz; fazem isto com facão ou tesoura, ao passo que, antigamente, para tal fim se serviam de facas de taquara. As sobrançelhas não são arrancadas. Os homens quasi não têm barba. Os indios Minhagiruns do Rio Pãnca andam completamente nus, tanto as mulheres, como os homens. O costume de trazer botoques nas orelhas e nos beiços ainda se acha conservado entre os Botocudos. Na tribo do Rio Manhaçu conservou-se este uso só para as mulheres, que trazem estes ornamentos característicos nos beiços e nas orelhas, ao passo que os homens deixaram este costume. Entre os indigenas de Lapa, os homens ainda usam ornamentos de orelhas. Estes discos (Figs. 6 e 7) que o sr. W. Garbe nos trouxe, têm a grossura de  $2\frac{1}{2}$  cm. e um diametro de  $6\frac{1}{2}$ —7 cm. Estes discos são brancos e muito leves, com uma fina perfuração no centro. Muitas vezes tiram os botoques, quando não se julgam observados; mas o sr. Garbe notou que os indios punham os ornamentos no seu logar, quando o viam passar o rio ao approximar-se á rancharia. As mulheres ligam mais attenção ao ornamento do beiço do que ao das orelhas. Pouco custou ao sr. Garbe obter das mulheres os botoques das orelhas, mas não quizeram de fôrma alguma dar-lhe os do beiço; quando, afinal, alcançou de uma mulher que lhe dêsse o botoque do beiço, as outras riram-se della, apupando-a, pelo que ella logo tirou um dos botoques da orelha e o poz no beiço. Em uma das cabanas o sr. Garbe viu um tronco da arvore, do qual fazem seus enfeites. Era um pedaço de 70-80 cm. de comprimento, bastante pesado. Só depois de algum tempo de tratamento no rancho, pela acção da fumaça, é que estes pedaços de madeira perdem a agua e seccam. E' só neste estado que a madeira é leve e apropriada para ser trabalhada e usada. A unica tinta que usam é a vermelha de urucú, com que pintam a cara. No corpo mostram muitas vezes cicatrizes, o que particularmente



se nota entre as mulheres, e já sabemos, por escriptores antigos, que os homens punem as mulheres com facadas quando ellas lhes são infieis. Os filhos menores não têm o beijo perfurado, sendo só por occasião do casamento que se procede a esta operação. No buraco põe-se uma varinha, que depois é substituida por cylindros mais grossos, até que o botoque mesmo caiba e possa ser usado. Actualmente, devido ás suas relações com os brancos, os costumes antigos já foram modificados em muitos pontos, e assim já os enfeites de perolas de metal e diversos tecidos são communs entre as tribus do Rio Doce.

As cabanas são feitas de modo simples, com folhas de palmeiras, de uma só parede, inclinada e dirigida contra o lado do vento ou da chuva. E' alli que entretêm fogo acceso dia e noute. Dormem ao redor do fogo, deitando-se no chão liso, sem mais nada o nem mesmo cobertor não usam. Os que obtiveram fazendas appropriadas ou saccos, aproveitam-nos para cobrir-se, particularmente com o intuito de abrigar-se contra as mordeduras de moscas e mosquitos. Não cuidam da limpeza ao redor das cabanas, deixando os seus excrementos a pequena distancia e riem-se quando por ventura alguém pisa nelles. Cada cabana é habitada por um casal e a rancharia consiste em 6 até 10 cabanas. A de Manhaçú era composta de 8 cabanas, contendo uma população de 45 pessoas. No caso de augmentar o numero de familias, uma parte da povoação separa-se do resto, fundando uma nova rancharia em outro lugar. Ao passo que as cabanas da rancharia de Manhaçú eram feitas de folhas de coqueiros, as de Lapa eram cobertas com casca de arvore. Nesta ultima localidade não foram vistos cobertores para dormir.

O nutrimento consiste em peixes e animaes obtidos pela caça e ainda de fructas, mel e larvas de insectos. Quando em viagem, levam consigo pedaços compridos d'uma certa qualidade de cipó, que, depois de torrada, mastigam e que dizem evitar-lhes a fome durante todo o dia. O Snr. Garbe me trouxe uma amostra deste cipó, que méde 6-7 mm. de diametro, é molle e ouco e não tem gosto pronunciado. Seria de interesse obter informações minuciosas sobre este cipó e conhecer-se a planta da

qual provem. O Snr. Garbe trouxe mais dous pedaços de bambú grosso, em que transportam a agua potavel quando estão em viagem. O maior delles, de que dou figura (Fig. 11), tem um comprimento de 167 ctm. e 20 ctm. de grossura. O seu conteudo entre os dous intermedios é de 4,5 litros de agua. Por fóra é ornado com tiras de goimbé.

Mammiferos ou aves que caçam, põem no fogo sem preparo algum e, depois de tudo assado, tiram as tripas, das quaes exprimem com os dedos o conteudo, comendo-as depois tambem. O Snr. Garbe, voltando da caça com alguns coatis, viu que o primeiro que os Botocudos faziam era cortar-lhes as mãos, para jogal-as no fogo e comel-as depois de pouco tempo. Não usam sal. Comem quasi todos os animaes que obtem, não excluindo mesmo as cobras. Os Botocudos do Manhaçú, que sempre vivem em contacto com os brasileiros visinhos, possuem farinha de mandioca, que é cozida em uma panella de ferro. Prompto o pirão, o distribuem em vasos especiaes, que consistem em porongos ou cascas da fructa da sapucaia e que servem de pratos; ao comer tiram a comida com os dedos. Aboboras são assadas na cinza e o mesmo fazem com as espigas de milho, que porem em geral são postas encima de uma chapa de metal. Todos esses indios são comedores insaciaveis, e o viajante que os visita, deve em primeiro lugar tratar de dar-lhes comida. Só depois da refeição poderá conseguir delles informações e objectos em permuta. Quando os homens vão á caça e voltam com boa presa, a alegria é geral; mas quando o homem volta sem resultado, a mulher dá-lhe uma sóva com qualquer pedaço de cipó. O Snr. Garbe mesmo viu-se ameaçado pelas mulheres, que contra elle e o seu companheiro dirigiram seus arcos e flechas, porque elles tinham levado comsigo os maridos, que por isto não puderam voltar logo, de modo que as familias na sua ausencia soffreram fome; por isto fizeram sentir a sua indignação a todos, quando voltaram.

Para a caça os Botocudos se servem exclusivamente dos arcos. Estes são cylindricos ou ligeiramente achatados na superficie exterior e feitos do cérne da palmeira brejaúva. O comprimento dos arcos é em ge-

ral de 150-160 ctm., e a grossura, no meio, de 18-20 ctm. Nos lados os arcos são mais finos, mas antes das pontas, que são conicas e de comprimento de 2 ctm., nota-se uma intumescencia, que serve de apoio para a ansa da corda, cuja grossura é de 3-4 mm. De interesse especial são os arcos dos caciques (fig. 2) dos quaes o sr. Garbe conseguiu obter dous. As extremidades são enfeitadas, na extensão de 35-55 ctm., com fitas de goim-bê amarellas e pardo escuras. Estas zonas alternadas de goim-bê de côres differentes são bem elaboradas e em uma das pontas, na qual o enfeite de goim-bê é mais extenso, notam-se anneis pretos nas zonas de côr amarella. Em um dos arcos ha, proximo á parte central do mesmo, uma zona amarella de goim-bê, com 3 anneis pretos de goim-bê escuro. A outra zona de 14 ctm. do comprimento, feita de goim-bê amarellado, con-tem 3 anneis de 3-4 mm. de largura, distantes 2-3 mm. entre si, e que consistem de pennas pretas cuidadosamente aparadas. As flechas, cujo comprimento varia de 160-175 ctm., são feitas de uma taquara fina, de 10 mm. de grossura, cujos internodios têm uma distancia de 40-58 ctm. Para ser adaptada á corda, a flecha tem uma incisão na extremidade posterior, que é coberta, n'uma distancia de 25 a 35 ctm., por goim-bê pardo, por meio do qual são fixadas as pennas, uma de cada lado. Estas pennas são de gaviões, aráras e varias outras aves grandes. Quanto á ponta ha tres typos. No primeiro é a mesma feita de madeira, as vezes branca ou do côrne preto da brejaúva. Estas pontas, cujo comprimento varia de 30 a 40 ctm., têm d'um lado fortes dentes recurvados e em numero variavel de 4 a 8. No segundo typo a ponta é feita de taquara, com margem cortantes, sendo a cavidade interior tingida com a côr vermelha do urucú, o que as vezes se nota tambem nas pontas de madeira branca. A terceira forma consiste n'uma vára, que termina em 3 ou 4 ramificações cuidadosamente cortadas. Estas flechas são destinadas a ferir os animaes sem entretanto matal-os, quando os querem conservar vivos. A ponta de bambú é preferida para a guerra. Actualmente estes indios não fazem grande distincção no emprego de flechas destinadas para a caça e as de guerra. E' porem notavel que as flechas dos caciques

(fig. 3, 4, 5), se distinguem por ornamentos característicos e as diferentes tribus dos Botocudos conhecem o desenho especial destas flechas. As que o Snr. Garbe trouxe têm o enfeite correspondente ao dos arcos, na parte da flecha comprehendida entre as duas pennas terminaes.

Os aneis de pennas são estreitos e separados por intervallos mais ou menos eguaes á largura dos aneis. Ha flechas com 2 e outros com 3 aneis, distinctivos dos quaes observei os seguintes typos: verde e amarello, sendo o amarello o posterior; vermelho e branco sendo o ultimo o posterior; preto e preto; preto, vermelho e preto.

O Snr. Garbe viu entre estes Botocudos uma qualidade de veneno, embrulhado em folhas largas, e que affirmam ser destinado para preparar as flechas hervadas. Deverá ser objecto de investigações ulteriores esclarecer este ponto, visto que até agora nada consta sobre o uso de curáre ou outros venenos semelhantes, entre os indiginas do Brazil meridional e central.

As flechas servem aos Botocudos tambem para a caça de peixes e já os meninos exercitam-se neste mister. As flechas, de que se servem para este fim, são as mesmas que empregam na outra caça. Temos na nova colleção um arco de menino, de 85 ctm. de comprimento e com as respectivas flechas, de tamanho correspondente, e que o Snr. Garbe só obteve a muito custo. Da população das cidades os Botocudos recebem anzóes, e poucos objectos ha que estimem mais como presentes. Do mesmo modo obtêm machados, facas, facões e panellas de ferro. Estes preciosos artigos de metal são considerados mais ou menos como bem commum da tribu e passam sem difficuldades de uma mão a outra. Ao contrario os objectos que elles mesmos preparam para seu uso, são respeitadas como propriedade particular, e a mulher não se desfaz de taes objectos em ausencia do marido e tão pouco dispõem dos objectos pertencentes aos seus filhos, quando estes não estão presentes.

Além de arcos e flechas os Botocudos não têm outras armas. As brigas ou duellos com porretes, que conhecemos pelas narrações do principe Wied, actualmente parecem não estar mais em voga. Tão pouco



observou o Snr. Garbe buzinas para dar signaes, fachos de cêra, machados de pedra ou facas de bambú. Quanto a instrumentos de musica ha um só, que é a flauta de taquara. O Snr. Garbe nos trouxe 2 exemplares (Fig. 9), um de 56 ctm. de comprimento e de uma grossura de 8 mm. e outro de 44 ctm. por 6,5 mm. A extremidade inferior é aberta, e a superior, que corresponde ao internodio, tem uma pequena abertura central. No corpo da flauta notam-se duas aberturas quadrangulares, que ao tocar são tapadas com os dedos. Estas flautas elles sopram com o nariz, ao qual juntam a flauta, perto da abertura axial. Só as mulheres tocam flauta e a melodia é muito unifôrme, repetindo-se sempre a mesma modulação, que póde ser escripta mais ou menos da seguinte fórma:



As duas flautas que o Snr. Garbe trouxe, provêm de Manhaçú. Da primeira expedição o Snr. Ernesto Garbe trouxe uma flauta (Fig. 8) dos Minhagiruns do Rio Panca, que é um pouco mais grossa e ornada no meio com fitas concentricas de goimbê; as do Manhaçú não tem este enfeite.

As dansas são monotonas. O casal se abraça pelos hombros, olhando para o chão e a mulher nesta occasião ás vezes traz consigo a criança. Ao dansar cantam, mas da mesma maneira monotonas. Os Botocudos do Rio Doce nadam bem e no tempo de calor passam muito tempo na agua, tomando banho diversas vezes por dia. Os homens nesta occasião tiram as tangas, para não serem incommodados. Seja dito de passagem que a mulher, a cuja morte já me referi, não teria perecido afogada no rio, si não tivesse vestido nesta occasião uma saia que recebera de presente.

Os casamentos se praticam sem cerimonia, mas nesta occasião executa-se a perfuração do beijo e das orelhas. Affirmaram ao Snr. Garbe que os cadaveres de seus mortos são queimados n'uma grande fogueira e

que depois desta cerimonia deixam a localidade onde se deu o acontecimento fatal. Mais de accôrdo com as informações anteriores, é de crêr que antes se trate de uma fogueira accesa por cima da sepultura, depois de realizado o enterro.

Segundo declarou o Snr. Garbe existe a superstição de que as almas dos mortos, que não foram enterrados ou queimados, se transformam em animaes e particularmente em onças.

As mudanças de domicilio dependem, em parte, do tempo, visto que os Botocudos vivem na visinhança do rio quando elle está baixo, retirando-se para o interior na época das chuvas, nos mezes de novembro até março.

O cacique em condições normaes não tem grande influencia nem maiores prerogativas. Quando eleito, elle usa uma pequena corôa de folhas de coqueiro, de 5,5-7,5 ctm. de altura, representada pela nossa figura 10. Entre os indios de Manhaçu o Snr. Garbe não encontrou este enfeite, mas obteve-o dos indios da Lapa. Ao cacique desta ultima localidade davam o nome de «crenac», ao passo que o capitão «tijuque» era o cacique de Manhaçu.

\* \* \*

Temos na collecção o craneo bem conservado de uma mulher de 22 annos, que é de particular interesse, visto que possuimos tambem a photographia da mesma pessoa, tirada pouco tempo antes de sua morte. O exemplar corresponde bem ás descripções dadas por Lacerda e Peixoto e por Ehrenreich, de modo que me limito a poucas palavras e á apresentação das medidas. O craneo é mesocephalo, tendo um indice de largura e comprimento de 77,24 mm. Visto de cima, a fôrma é oval, adiante bastante estreita, e alargada para traz, devido á proeminencia das protuberancias parietaes. A frente é relativamente alta e os arcos superciliares não são proeminentes. Até um pouco atraz da sutura coronalis, o craneo é regularmente abobadado, mas na metade posterior eleva-se a parte mediana, o que dá uma figura pentagonal ao craneo quando visto por de traz. A prognathia alveolar é pronunciada. Na mandibula é notavel a falta dos dentes incisivos e a redução dos alveolos, cuja parede ante-

rior esta gasta, o que indica que, por influencia do botoque, cahiram os respectivos dentes.

As medidas do craneo são as seguintes :

Capacidade craneana . . . . .	1325
Comprimento maximo . . . . .	167
Largura maxima . . . . .	129
Largura frontal menor . . . . .	89
Altura total . . . . .	139
Altura auricular . . . . .	110
Circumferencia horizontal . . . . .	480
Circumferencia sagittal do osso frontal . . . . .	132
Idem, idem da sutura sagittalis . . . . .	131
Idem, idem do osso occipital . . . . .	114
Largura da face . . . . .	105
Largura zygomal . . . . .	122
Altura da face superior. . . . .	70
Altura da face . . . . .	111
Altura nasal . . . . .	51
Largura nasal . . . . .	21
Maior largura orbital . . . . .	37
Maior altura orbital . . . . .	33
Comprimento palatino . . . . .	50
Largura palatina . . . . .	33
Comprimento do Foramen magnum. . . . .	34
Largura do Foramen magnum . . . . .	29
Distancia do angulo maxillar . . . . .	92
Angulo do perfil . . . . .	74,50
Indice de comprimento e largura . . . . .	77,24

## II. RESULTADOS E DISCUSSÃO COMPARATIVA.

O Snr. W. Garbe teve a sorte de encontrar tribus dos Botocudos, que conservaram os costumes antigos de modo mais completo, do que as que Ehrenreich visitou. E' assim, que o uso do botoque, que segundo Ehrenreich estava quasi extincto, se pratica ainda entre as tribus de Manhaçu e de Lapa. Entre estes ultimos tambem os homens se ornãam ainda com botoques nas orelhas, o que não acontece com os do Manhaçu. As mulheres, entretanto, em ambas localidades, usam estes enfeites.

Entre as observações novas ha uma que seria uma innovação, isto é a incineração dos cadaveres. Tratando-se entretanto só de informações indirectas, que foram dados ao Snr. Garbe, e que não se baseiam na observação do facto, é bem possivel que se tenha da-

do algum engano. E' bem conhecida a affirmação dos auctores anteriores, segundo a qual os cadaveres são inhumados, accendendo-se depois encima da sepultura uma fogueira. Outra observação do Snr. Garbe, que carece ser confirmada, é a do uso de veneno vegetal para as flechas. Entre os objectos da collecção que são novos á sciencia, ha dous de um interesse particular: a existencia de flautas sopradas pelo nariz e de diversos distinctivos dos caciques. Com referencia ás flautas quero lembrar o que sobre o mesmo assumpto publicuei no «Globus», Bd. LXXV, n. 23, 1899, p. 375.

Os distinctivos consistem em uma pequena corôa de folhas de palmeira, que o cicique porém só traz no primeiro tempo depois da sua eleição, ligando depois pouca attenção a ella, e em flechas e arcos enfeitados por aneis estreitos de pennas de diversas côres. Ehrenreich (l. c. p. 25) já teve conhecimento da existencia de arcos e flechas enfeitados, sem saber entretanto que pertenciam aos caciques. Parece que os arcos e flechas desta ordem, que agora recebemos, são os primeiros que foram recebidos por um museu ethnographico, visto que Ehrenreich diz não tel-os encontrado no Museu Nacional do Rio de Janeiro. Foi este o motivo porque dei aqui a descripção detalhada e a figura destes artefactos.

Todos estes indios do valle do Rio Doce já mantêm relação amigavel com os moradores brasileiros e delles recebem utensilios, fazendas e viveres. Só os Minhagiruns andam completamente nús; as outras tribus vestem uma pequena tanga, mas, singularmente, só no sexo masculino, ao passo que as mulheres em geral continuam a andar nuas.

E' deste modo que successivamente os habitos e as industrias proprias se perdem cada vez mais. Fachos de cêra e facas de bambú, que Ehrenreich observou em 1884 entre os Botocudos, hoje já não são mais usados. Em vez de servirem-se de facas de bambú para cortar os cabellos, usam de facas ou tesouras, que receberam em permuta. Muito mais surpreendente é o contraste entre a cultura actual e passada dos Botocudos do Espirito Santo, quando comparamos as condições actuaes aqui esboçadas com a cultura primitiva,



qual ella nos é conhecida pela excellente descripção dada pelo principe Wied e que se refere aos annos de 1815-17. Naquelle época os Botocudos ainda usavam machados de pedra, os homens traziam no membro uma pequena bainha tecida de folhas de palmeira e as mulheres atavam cordões de côr preta ao redor do pulso, dos tronozelos e embaixo dos joelhos; enfeites de pennas ainda eram frequentes, usados particularmente pelos caciques e o cannibalismo estava ainda em voga. Todos estes habitos desde aquelle tempo se perderam, como tambem o costume de duellos com porretes praticado entre diversas tribus.

Seria de grande interesse conhecer a cultura primitivas destes indigenas, ao tempo da descoberta; mas os escriptores antigos, como de costume, não nos dão informações exactas. E' um acaso singular que tres escriptores antigos, quasi do mesmo tempo (de 1576-1590), nos informaram sobre os Botocudos, que denominavam Aimorés ou Gaimorés. Refiro-me ao Tratado descriptivo do Brazil em 1587 de Gabriel Soares de Souza, (Rev. Inst. Hist., Rio de Janeiro, XIV, 2.<sup>a</sup> ed. 1879, p. 47), á Historia da Provincia de Santa Cruz, por Pero de Magalhães Gandavo (ibidem, XXI, 1858, p. 424) e ao estudo «Prncipio e Origem dos Indios do Brazil» publicado mais ou menos em 1584 por um Anonymo (ibidem, LVII, p. 208). Todos estes auctores affirmam que os Aimorés são crueis, anthropophagos, que não têm roças e não sabem nadar; mas nenhum delles menciona o habito mais caracteristico, isto é o de enfeite de bodoques. Tal era o susto que estes selvicolas causavam aos moradores do littoral, que se não os conhecia de vista. Resta averiguar em que data começou a ser empregada a palavra Botocudos.

As observações, que actualmente possuimos da successiva modificação dos costumes dos Botocudos, ou antes, de sua degeneração, sob a influencia do contacto com os brancos, nos obrigam a proceder com prudencia quando procuramos conhecer a posição ethnographica destes indios. O revestimento do membro viril tal qual foi figurado pelo principe Wied ainda hoje é usado pelos Cayapós do Rio Araguaya e, si aquelles indios e

os Carajás parecem á primeira vista bastante differentes, por causa de sua habilidade do fabrico de bellos artefactos ornamentados com pennas, temos de lembrar-nos que o principe Wied em varios lugares de sua viagem (vol. II, p. 12 e 13.) se refere a enfeites de pennas, feitos e usados pelos Botocudos do Rio Doce. O mesmo vale para o uso das flautas de taquara sopradas pelo nariz, visto que este costume foi observado tambem entre outros indios do grupo dos Gês, isto é, os Coroados (Caingangs).

E' verdade que os botoques enormes, que servem de enfeite para os beiços e orelhas, representam uma particularidade caracteristica dos Botocudos, mas enfeites de madeira ou de pedra, trazidos em orelhas e beiços perforados eram extremamente communs entre os indios do Brazil, seja da familia dos Tupis, seja da dos Tapuyas. Tudo isto contribue a diminuir a differença entre os Botocudos e os outros povos Gês do Brazil. Estes *Tapuyas* são os antigos donos do Brazil. Seguiu-se a invasão dos *Tupis* no Norte e dos *Guaranys* no Sul do paiz, povos estes que, partindo ambos da Bolivia e das regiões visinhas, chegaram afinal por migrações differentes ao litoral do Brazil, encontrando-se de novo no Estado de São Paulo. E' com estes ultimos indios que os Portuguezes e os Padres entravam por toda parte em contacto, de modo que a seu respeito, sobre seus habitos e sua lingua «tupy-guarany» estamos bem informados. A parte mais fraca da ethnographia do Brazil central e meridional é o conhecimento dos Tapuyas, e ao estudo de sua cultura, lingua e historia devem ser dirigidos de preferencia as investigações futuras.

\*  
\* \*

## EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA II

(Todas as figuras têm  $\frac{1}{10,7}$  do tamanho natural)

*Fig. 1.* Pedaco de bambú grosso, em que os Botocudos transportam a agua potavel, quando estão em viagem.

*Fig. 2.* Arco de um cacique, com enfeite de aneis de pennas cortadas.

*Fig. 3.* Flecha de caça de um cacique, com o mesmo enfeite.

*Fig. 4.* Flecha de guerra de um cacique, com o mesmo enfeite.

*Fig. 5.* Flecha de um cacique, para atordoar animaes, com o mesmo enfeite.

*Fig. 6, 7.* Botoques.

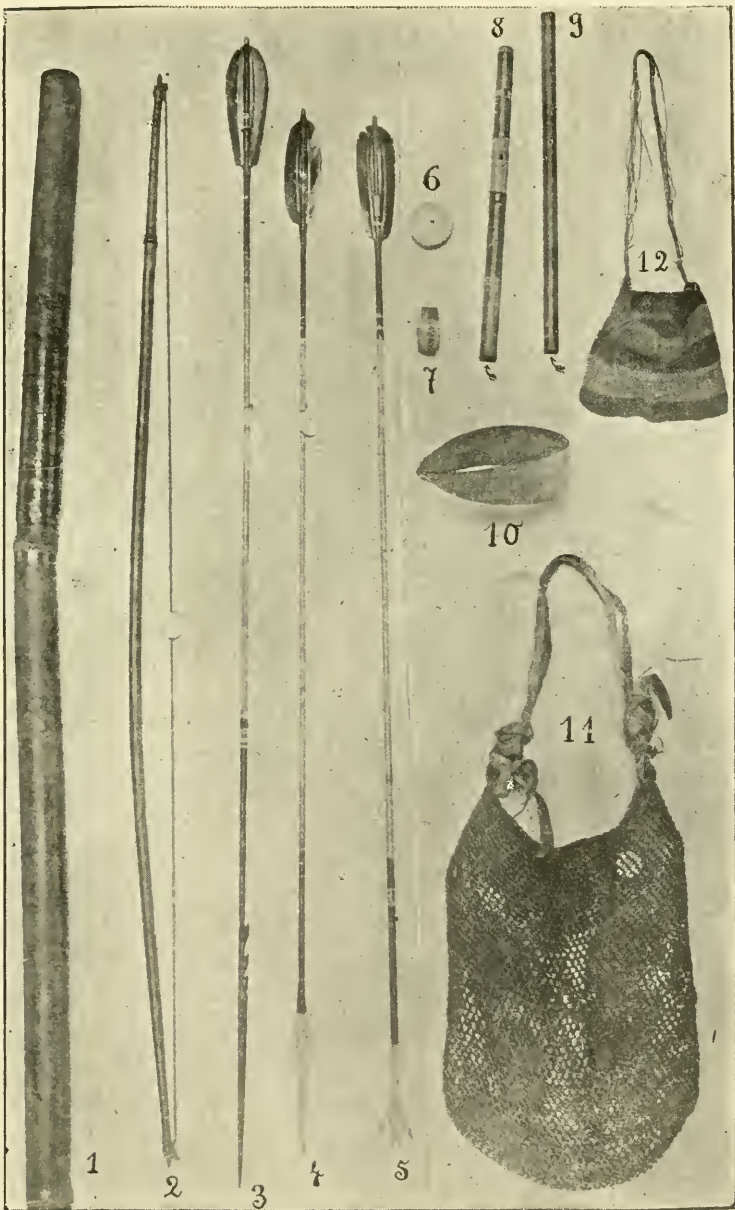
*Fig. 8.* Flauta dos Minhagiruns.

*Fig. 9.* Flauta dos Botocudos do Manhaçú.

*Fig. 10.* Corôa de cacique.

*Fig. 11, 12.* Sacólas para a caça.

---



Objectos dos INDIOS BOTOCUDOS DO RIO DOCE







## INDIOS BOTOCUDOS DO RIO DOCE

FIG. 1. Tres indios, vistos em outras posições na FIG. 2.

FIG. 3. Accendendo fogo pelo atrito de madeira dura com outra molle.





INDIOS BOTOCUDOS DO RIO DOCE







### INDIOS BOTOCUDOS DO RIO DOCE

FIG. 10. O craneo descrito á pag. 46 é desta mulher, que falleceu dias depois de ter sido photographada.





## INDIOS BOTOCUDOS DO RIO DOCE

FIG. 11. Homem tocando flauta com o nariz e mulher bebendo agua do taquarussú.  
FIG. 12. Arranchamento.